



Gustavo de Lira Menezes

Josinete Pereira Lima

IX ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

grupo de trabalho

o estágio docente como espaço formativo: para além da formalidade, a escola
como universo complexo e interseccional.

O ensino de sociologia: Uma Análise do Processo de Ensino e Aprendizagem a
partir do Estágio Supervisionado em uma Escola Pública

São Paulo, SP

2025



O Ensino de sociologia: Uma Análise do Processo de Ensino e Aprendizagem a partir do Estágio Supervisionado em uma Escola Pública

Gustavo de Lira Menezes ¹
Josinete Pereira Lima ²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar como o estágio supervisionado contribui no processo de ensino-aprendizagem para os futuros professores(as) que irão atuar na educação básica. O estágio supervisionado é compreendido como uma etapa essencial para a articulação entre teoria e prática, que permite aos licenciandos vivências concretas do cotidiano escolar. A experiência revelou desafios estruturais, metodológicos e comportamentais, como o desinteresse dos alunos, a sobrecarga docente e a ausência de recursos didáticos adequados. A pesquisa, de abordagem qualitativa e fundamentada na observação participante, investigou como essas experiências moldam as práticas pedagógicas dos futuros professores. Os resultados indicam que o estágio supervisionado é fundamental para o desenvolvimento de competências docentes que alinhem o conhecimento acadêmico às práticas escolares. Os resultados reforçam o papel do estágio supervisionado na formação docente, contribuem para o desenvolvimento de metodologias inovadoras e a valorização da sociologia como instrumento de reflexão crítica e transformação social

Palavras-chave: Estágio supervisionado, Formação docente, Ensino de Sociologia.

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado, como parte integrante dos cursos de licenciatura, ocupa uma posição estratégica na formação de professores, ao unir a teoria aprendida na universidade com a prática vivenciada no cotidiano escolar. O estágio supervisionado transcende a simples observação de práticas pedagógicas; ele é um espaço de construção de competências, no qual o licenciando aprende a lidar com os desafios da sala de aula, como a diversidade de perfis dos alunos, a carência de recursos e a necessidade de adotar metodologias que conectem o conteúdo à realidade dos estudantes.

Considerando essa perspectiva, nos deparamos com o seguinte problemática: como as práticas pedagógicas observadas durante o estágio supervisionado contribui para formação dos futuros professores(a), contribuindo de forma significativa para uma prática de ensino-aprendizado na disciplina de sociologia no ensino médio?

¹ Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Pará - UEPA, gustavodeliramenezes@gmail.com;

² Doutora pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Pará - UEPA, josinete.lima@uepa.br;

Assim, para orientar esta investigação, as seguintes questões norteadoras são propostas: Quais metodologias e estratégias de ensino foram predominantemente utilizadas pelos professores de Sociologia no ensino médio durante o estágio supervisionado? De que forma as práticas pedagógicas observadas no estágio supervisionado influenciam na formação docente?

O objetivo geral é apresentar como o estágio supervisionado contribui no processo de ensino-aprendizado para os futuros professores(a) que irão atuar na educação básica. Os objetivos específicos são: mostrar como a vivência do estágio supervisionado contribui para a formação dos futuros professores(a); Descrever como a regência no estágio supervisionado aproxima o futuro professor(a) da realidade da sala de aula.

O estágio que culminou neste artigo foi desenvolvido em uma escola pública do município de Igarapé-Açú, visa demonstrar as experiências do estágio supervisionado os desafios enfrentados no ensino de Sociologia e como esse processo contribui na prática profissional para a formação docente. O estágio foi realizado no curso de licenciatura plena em Ciências Sociais, dividido em duas disciplinas, cada uma com carga horária de 200 horas, totalizando 400 horas, conforme previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais.

O estágio permite ao licenciando vivenciar intensamente o cotidiano escolar em um curto intervalo de tempo, concentra-se suas ações na observação, planejamento, execução e reflexão sobre práticas pedagógicas. No estágio supervisionado em prática pedagógica aplicada às ciências sociais, o foco está na observação, o estagiário assiste às aulas ministradas pelo professor regente para compreender as dinâmicas pedagógicas, metodológicas de ensino e os desafios da prática docente.

Nesse viés, olhar, ouvir e escrever é a proposta desta pesquisa, inspirando-se no trabalho etnográfico, em especial no método do antropólogo Oliveira (1996), que enfatiza o "olhar, ouvir e escrever" como momentos fundamentais para a interpretação social e cultural. Este trabalho adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na observação direta em contexto escolar. A metodologia escolhida é a observação participante, que permite ao pesquisador não apenas observar, mas também compreender as dinâmicas e relações entre os alunos, professores e o ambiente escolar de forma aprofundada.

Ao abordar a relação entre a prática pedagógica observada e o potencial emancipador da Sociologia, o artigo busca contribuir para a valorização da disciplina e para a melhoria da educação básica no Brasil.

ESTÁGIO E O ENSINO DE SOCIOLOGIA

O ensino de Sociologia enfrenta desafios históricos e estruturais que comprometem sua eficácia na educação básica. Karine Silveira e Natalina Ferreira (2021) destacam que a disciplina, embora obrigatória no currículo do ensino médio desde 2008, continua desvalorizada, enfrenta-se políticas educacionais instáveis e recursos limitados.

Segundo as autoras recém-mencionadas, a disciplina de sociologia enfrentou uma trajetória marcada por altos e baixos até se consolidar no currículo escolar brasileiro. Desde a sua primeira aparição em 1882, a Sociologia foi alvo de intensas discussões e oscilações entre períodos de presença e ausência nos currículos escolares, dependendo dos interesses governamentais e políticos da época.

Karine Silveira & Natalina Ferreira (2021) apontam que o período da ditadura militar (1964-1985) foi particularmente adverso para o ensino de Sociologia. A disciplina foi excluída do currículo, substituída por matérias como Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira (OSPB), que se alinhavam mais aos interesses do regime. Somente na década de 1980, com a redemocratização do país, começaram os movimentos pela reinserção da sociologia no currículo escolar, culminando com a sua obrigatoriedade no ensino médio a partir de 2008, após a aprovação da Lei nº 11.684/08.

Ainda segundo Karine Silveira & Natalina Ferreira (2021), mesmo após a sua consolidação, a disciplina continua a enfrentar desafios, como a dependência das políticas educacionais do governo vigente. No governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, por exemplo, houve uma tentativa de reduzir o espaço das disciplinas de ciências humanas no currículo escolar, refletindo uma visão utilitarista da educação. Já no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, observou-se uma tentativa de revalorizar as ciências humanas e sociais, com políticas que visavam promover uma educação mais integrada e crítica.

Nise Jinkings (2007) discute as particularidades e desafios do ensino de Sociologia no Brasil, ressalta-se como a disciplina, desde sua institucionalização na

década de 1930, enfrenta dificuldades no sistema educacional brasileiro. A autora reflete sobre o papel da Sociologia em fomentar a compreensão crítica da sociedade e a importância de seu ensino para a formação de cidadãos conscientes. No entanto, o ensino da disciplina ainda enfrenta dilemas como a falta de recursos e o desprestígio em relação a outras matérias, o que afeta sua efetividade no contexto escolar.

Além disso, Ângela Giusta (2013) explora as concepções de aprendizagem que subsidiam as práticas pedagógicas, as contradições no campo da Psicologia que impactam diretamente o processo de ensino-aprendizagem. A autora afirma que o conhecimento psicológico, longe de ser homogêneo, reflete as contradições sociais e deve ser pensado de maneira crítica para evitar abordagens pedagógicas simplistas e ecléticas. No ensino de Sociologia, a adoção de práticas que considerem o indivíduo em sua totalidade, que busca olhar suas múltiplas determinações sociais, é fundamental para uma educação transformadora.

Esses desafios no ensino de Sociologia são amplamente influenciados pelas representações sociais que os professores constroem a respeito de sua profissão e da relação com o saber, como destaca Mendes *et al* (2015), a docência está intrinsecamente ligada a valores como comprometimento, dedicação e formação contínua, que moldam a prática pedagógica e a identidade do professor. Porém, não é suficiente apenas uma qualificação para o exercício de sua profissão, segundo os autores é necessário que o comprometimento e a dedicação acompanhem a qualificação na prática de sua profissão.

Essa perspectiva se torna ainda mais evidente durante o estágio supervisionado, onde foi possível observar que o professor de sociologia acompanhado tinha uma carga horária de trabalho extensa e distribuída entre os três turnos. Essa organização influenciava diretamente na qualidade do ensino.

Essa alta demanda, somada à falta de tempo para planejamento e ao excesso de turmas, prejudica significativamente o desempenho docente. Aulas de qualidade exigem preparação, análise crítica do conteúdo e o desenvolvimento de estratégias que dialoguem com a realidade dos alunos. Entretanto, com tantas aulas distribuídas ao longo da semana, o professor tinha pouco tempo disponível para planejar metodologias inovadoras, o que resultava em aulas pouco atrativas e desconectadas da vivência dos estudantes.

Como afirma Lima (2018), “o ensino de Sociologia deve ser contextualizado com as experiências dos alunos para promover uma aprendizagem significativa”. Porém, a carga horária extensa limitava a implementação dessas práticas, evidenciou-se a necessidade de um planejamento mais equilibrado e o apoio institucional.

Diante disso, Antônio Nóvoa *et al* [s.d] em seu texto “o ciclo da vida profissional dos professores” faz compreender tais circunstâncias educacionais. Antônio Nóvoa *et al*, apresenta de forma categórica seis etapas pelo qual o professor passa durante sua vida profissional. Destas, a partir das observações, duas expressões retratam bem a realidade do professor acompanhado.

Uma delas é a do questionamento, onde geralmente ocorre no meio da carreira, entre 15 e 25 anos de atuação, e é marcada por reflexões sobre a trajetória e as escolhas feitas até então. Diante desse fato, é perceptível que os objetivos iniciais não foram alcançados como desejado. Muitos professores se perguntam se devem continuar na profissão, especialmente ao se sentir estagnado ou desiludido com o sistema educacional. A outra é a etapa na qual reflete uma tendência a rejeitar mudanças ou inovações, devido ao cansaço ou a perda de esperança no sistema educacional.

No contexto do estágio supervisionado, essas complicações são fundamentais para compreender como os futuros professores de Sociologia lidam com as adversidades cotidianas do ambiente escolar e como constroem suas práticas pedagógicas. Através dessas experiências, os estagiários não apenas aplicam o conhecimento teórico, mas também desenvolvem uma relação mais aprofundada com o saber, essencial para fomentar o pensamento crítico e a cidadania ativa entre os alunos do ensino médio.

Além dessas discussões, a relação entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem é um fator central para a efetividade das práticas pedagógicas. Lílian Brait *et al*. (2010) apontam que essa relação deve ir além do mero repasse de conhecimento, sendo fundamental para a construção da cidadania e o desenvolvimento integral dos alunos. O autor destaca que essa interação deve ser recíproca e orientada pela empatia, que contribui para uma aprendizagem significativa e crítica. Essa perspectiva é essencial para o ensino de Sociologia, uma disciplina que visa fomentar uma compreensão crítica da realidade social e política entre os estudantes.



ESTÁGIO E OS PERCALÇOS COMO VIÉS DE APRENDIZAGEM

No contexto das dificuldades enfrentadas no processo de ensino-aprendizagem, Arnaldo Nogaro e Eliane Granella (2004) trazem uma reflexão importante sobre o erro no ambiente educacional. Para os autores, o erro deve ser visto como uma ferramenta de inclusão e não de exclusão. Eles ressaltam a importância de uma postura crítica dos educadores frente aos erros dos alunos, isto promove diálogo e compreensão nos processos de aprendizagem. Cada erro na docência tem propagação negativa na vida dos alunos e cada acerto contribui para dispor um leque de oportunidades.

O estágio supervisionado, além de ser um espaço de formação e prática docente, é um momento propício para a observação crítica, de aprendizado com os desafios e a construção de novas estratégias pedagógicas. Durante a experiência na escola, tanto a prática do professor titular quanto os desafios estruturais e comportamentais da escola, serviram como importantes lições para o estagiário, isso possibilitou refletir sobre como os percalços podem ser aproveitados como instrumentos pedagógicos e elementos transformadores no processo de ensino-aprendizagem.

No estágio supervisionado, foi possível identificar metodologias não muito eficientes, uma delas consistia em explicar os conteúdos de forma superficial e com uma linguagem, muitas vezes, técnica o que torna o aprendizado inacessível para muitos alunos. A maior parte do tempo da aula era dedicada à cópia de textos extraídos do livro didático, sem contextualização ou discussão que relacionasse os conceitos com a realidade dos estudantes. Além disso, as atividades de pesquisa passadas aos alunos, como também a correção das provas, eram corrigidas sem uma análise crítica ou discussão em sala, e tratados apenas como formalidades burocráticas, o que desestimulava a reflexão e a criatividade dos alunos.

Além disso, o professor trabalhava com os temas transversais, mas não se identificou a interdisciplinaridade ao ministrar sua aula. Porém, a interdisciplinaridade é essencial para o aluno, pois garante uma interligação do conhecimento, sem que ela se perca em meio a tanto saber fragmentado, como que uma peça de quebra cabeça perdida entre tantas outras, como aponta Japiassu (1976) *apud* Juarez da Silva (2008). Essa abordagem interdisciplinar permite aos estudantes compreenderem a complexidade do mundo de forma mais ampla e integrada.



Nesse sentido, Edgar Morin (2000) ressalta que o conhecimento fragmentado limita a compreensão da realidade, sendo fundamental adotar uma visão sistêmica e interdisciplinar que conecte os diversos campos do saber. Para ele, a educação deve ser um ensino que integre as disciplinas e conecte os saberes à realidade cotidiana. Essa perspectiva reforça que a interdisciplinaridade não é apenas uma abordagem pedagógica, mas uma necessidade para formar cidadãos críticos e preparados para enfrentar os desafios de um mundo complexo e interconectado.

No entanto, esses problemas poderiam ser utilizados como temas pedagógicos para despertar o senso crítico dos alunos. Por exemplo, o professor poderia explorar questões como desigualdade social e investimentos públicos em educação, relacionando essas discussões com a realidade vivida pelos alunos na escola. Assim, o espaço físico, mesmo com suas limitações poderia se tornar um recurso pedagógico que conectasse o conteúdo à realidade dos estudantes e como matéria para uma possível intervenção por parte dos alunos, por meio do grêmio estudantil.

Durante a experiência de regência, procurou-se evitar tais metodologias observadas no professor titular, buscou-se fazer uma maior interação com os alunos com o intuito de promover um ambiente mais participativo. Essa experiência possibilitou para que os estudantes contribuíssem com suas opiniões e tentou aproximar os conteúdos de suas realidades. Por exemplo, tendo como referencial o trabalho de Cristiano Bodart (2012), planejou-se o uso de músicas populares como recurso pedagógico para trabalhar a temática da aula, tendo como foco central trabalhar a cultura dos alunos como ponto de partida para o ensino.

A regência praticada pelo estagiário proporcionou vivenciar uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos professores, a administração do tempo, que embora a atividade com músicas tivesse sido planejada de forma detalhada, a falta de controle do tempo disponível impediu sua plena execução. A análise crítica do material acabou sendo limitada e comprometeu parte dos objetivos pedagógicos da aula. Essa experiência revelou como é desafiador para o professor lidar com imprevistos, manter o ritmo das aulas e, ao mesmo tempo, atender às necessidades dos alunos.

Dirce Pacheco (2011) destaca que a regência é uma etapa crucial para a construção da identidade docente, permitindo ao licenciando lidar com situações reais de sala de aula e refletir sobre sua prática. As dificuldades identificadas, tanto do professor quanto dos alunos, assim como os problemas estruturais da escola,

proporcionaram uma visão realista do cotidiano escolar. Esses desafios não apenas destacaram a complexidade do trabalho docente, mas também contribuíram como lições para a construção de práticas pedagógicas mais eficazes e reflexivas.

Essa abordagem se mostra pertinente para a formação de futuros professores (as) de sociologia, que devem estar preparados para lidar com as adversidades em sala de aula de maneira construtiva e autônoma. Dessa maneira, o estágio supervisionado oferece ao acadêmico a oportunidade de desenvolver habilidades e atitudes essenciais para a docência, além de capacitá-lo a enfrentar os desafios da profissão com maior segurança.

Contudo, percebe-se que a prática docente na educação básica, particularmente no ensino de sociologia, enfrenta desafios complexos e variados, esses desafios são especialmente evidentes quando analisamos o estágio supervisionado, uma etapa crucial na formação de professores. O estágio supervisionado oferece aos futuros docentes a oportunidade de aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos durante a graduação em situações reais de sala de aula entre a teoria e a prática (Pacheco, 2011). Além de ser um espaço para o desenvolvimento de habilidades pedagógicas, o estágio supervisionado também proporciona uma compreensão mais profunda das dinâmicas escolares e das necessidades dos alunos, aspectos essenciais para uma prática docente eficaz.

O ESTÁGIO E A FORMAÇÃO DOCENTE

O estágio supervisionado é um momento central no percurso formativo dos licenciandos, permitindo que vivenciem na prática o que aprendem na teoria. Izabel Scalabrin & Adriana Molinari (2013) afirmam que o estágio amplia o repertório cultural e profissional dos futuros professores, permitindo-lhes lidar com a diversidade de contextos escolares. O estágio supervisionado possibilitou não apenas a observação das práticas pedagógicas, mas também a reflexão crítica sobre elas.

O estágio supervisionado também é uma oportunidade de experimentação. Dirce Pacheco (2011), destaca que o licenciando pode testar diferentes abordagens planejar atividades e lidar com imprevistos, construindo sua identidade docente. Durante o estágio, observou-se que o professor titular apesar de experiente utilizava metodologias pouco inovadoras e desconectadas das realidades dos alunos como a cópia de textos do livro didático. Nesse sentido, é essencial destacar que o livro

didático pode ser aproveitado como recurso complementar propostas com atividades mais dinâmicas e contextualizadas.

A relação professor-aluno também representava um desafio significativo o ensino de sociologia não era eficaz, pois o professor não conseguia envolver os alunos ou conquistar sua atenção, para exemplificar isso, em uma aula com o tema consciência negra, preconceito e racismo, os alunos se encontravam aéreos com os olhares atônitos sem interesse e distraídos, porém, ao término da aula maioria dos alunos foram embora restando alguns alunos, estes aproveitaram para fazer algumas perguntas ao professor sobre o tema tratado em aula, na qual surgiu uma interessante e proveitosa discussão sobre a temática, na qual o aluno menciona um fato ocorrido com ele. Tal situação poderia ter ocorrido quando o professor ministrava o conteúdo, pois como propõe Lima (2018), o conteúdo deve ser contextualizado e relacionado com a vivência dos alunos.

Apesar de amigável, a relação com os alunos carecia de respeito mútuo interferências como piadas e algazaras comprometiam as aulas desestimulando ainda mais o docente. Porém, para conquistar o respeito dos alunos, o professor não deve adotar uma postura autoritária, mas sim construir uma relação empática, que permite os estudantes a interação adequadamente. Adriana Moura & Roberto Cunha (2017) ressaltam que o educador deve ser autêntico, criar um ambiente de compreensão e aceitação das particularidades de cada aluno.

Outro problema identificado foi à ausência de uma metodologia estruturada ou de um plano de aula definido que prejudica o desempenho e a gestão do tempo. Anne Scarinci e Pacca (2015) argumentam que a falta de organização torna as aulas desarticuladas, dificultando a construção conceitual e o diálogo entre professor e alunos, o que compromete enormemente o aprendizado.

Esses fatores afetam a dinâmica das aulas e o rendimento acadêmico dos estudantes. Thamiris Mendes *et al* (2015) defendem que o sucesso do ensino depende de uma interação dialógica, baseada na empatia e no compromisso de ambas as partes, contudo, a prática observada durante o estágio revelava desinteresse dos alunos e desmotivação do professor, um ciclo vicioso que compromete o aprendizado.

Esses problemas metodológicos, no entanto, não podem ser analisados isoladamente, pois refletem diretamente a sobrecarga enfrentada pelo professor e os inúmeros obstáculos já mencionados, a alta carga horária distribuída entre os três turnos da escola e o elevado número de turmas sob sua responsabilidade contribuem para a dificuldade de elaborar e programar estratégias pedagógicas mais eficazes. Além disso, fatores como a falta de recursos estruturais e pedagógicos o desinteresse dos alunos e a ausência de suporte institucional tornam ainda mais desafiadora a tarefa de planejar e conduzir aulas alinhadas às necessidades educacionais e sociais dos estudantes.

Nesse sentido, se faz necessário ressaltar que a formação docente vai além da sala de aula ela inclui a compreensão das dimensões sociais, culturais e políticas que permeiam a educação. Carlos Rodrigues Brandão (1981) enfatiza que a educação deve ser um processo crítico e coletivo, capaz de transformar tanto os alunos quanto os professores ilustra em seu trabalho como as práticas educativas das comunidades indígenas ocorrem de forma integrada e natural, sem necessidade de uma estrutura escolar formal, refletindo o conceito de "educação comunitária".

O estágio supervisionado proporcionou uma experiência fundamental para compreender os desafios da prática docente e a complexidade do processo educativo. Diante desta vivência destaca-se a necessidade de um ensino mais humano, crítico e integrado, que considere a diversidade de contextos e contribua para a formação de sujeitos reflexivos e capazes de interagir de maneira transformadora com a sociedade.

Os aprendizados adquiridos durante o estágio não apenas enriqueceram a formação inicial, mas também ofereceram momentos valiosos para a construção de práticas pedagógicas mais eficazes e inclusivas. Essa etapa formativa reafirma que a docência é uma jornada contínua de aprendizado e adaptação, marcada pela constante busca por melhorar a qualidade do ensino e o impacto positivo na vida dos estudantes.

ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

As vivências no estágio supervisionado proporcionaram uma visão prática das dinâmicas escolares e dos desafios enfrentados pelo ensino de Sociologia. Durante o período, foi possível observar a atuação de um professor de Sociologia e as

dificuldades que ele enfrentava, tanto no planejamento das aulas quanto na interação com os alunos.

Na escola em que foi realizado o estágio os desafios se manifestaram de forma clara as salas de aula apresentavam condições inadequadas, como ventilação insuficiente e falta de recursos tecnológicos, o que dificultava a implementação de metodologias inovadoras, evidenciando a precariedade estrutural e pedagógica do ensino público. Além disso, a carga horária reduzida para a disciplina limitava a possibilidade de abordar os conteúdos de forma aprofundada.

Com apenas (45) quarenta e cinco minutos por aula, o tempo era mal aproveitado: entre dez a quinze minutos eram gastos para acalmar a turma, além de outros cinco a dez minutos eram destinados ao registro de frequência e entrega de atividade, Isso quando o professor não se atrasava devido os imprevistos, essa carga horária limitada, como já visto, dificultava a organização de práticas mais significativas com os alunos.

Essas dificuldades são agravadas pela ausência de planejamento estruturado como observado nas práticas do professor titular, que priorizava a transcrição de textos e pesquisas pouco desafiadoras, sem promover discussões ou reflexões críticas. O principal ponto observado foi à ausência de metodologias inovadoras o professor limitava-se à transcrição de textos do livro didático, sem contextualizá-los ou relacioná-los à realidade dos alunos, Lima (2018) alerta que práticas desconectadas da vivência dos estudantes comprometem a eficácia do ensino de Sociologia, que deve ser um espaço de reflexão crítica e diálogo.

O recurso didático utilizado por ele limitava-se ao uso do livro de sociologia fornecido pela escola, porém de forma rasa sem esforço algum em tornar compreensível e contextualizada a leitura. O exercício de copiar do quadro fragmentos de textos extraídos do livro permitia que os alunos de forma mecânica não criassem nenhuma conexão com que se está lendo ou escrevendo ou porque estão fazendo isso e para quê. Apresenta ideias soltas sem esforço para situar historicamente os fatos e principalmente com a realidade cotidiana dos alunos, como é muito bem tratado no livro de Lima (2018, p. 60) que diz: "Ensinar Sociologia para jovens requer uma conexão direta com suas experiências cotidianas e realidades sociais".

Tais comportamentos contribuem significativamente para a ineficácia da disciplina de sociologia para os alunos, que deveria ser o oposto, pois "A Sociologia, enquanto disciplina escolar, desempenha um papel crucial na formação cidadã dos estudantes, promovendo a reflexão crítica sobre a sociedade" (Ferreira, 2012, p. 80). Ou seja, para que estudar sociologia? Por que estudar? Perguntas estas que, infelizmente, às vezes não se consegue responder.

Outra estratégia metodológica utilizada pelo professor é passar atividades de pesquisa, que era a única coisa que ele passava em sala de aula, os alunos perguntavam de imediato qual seria a atividade, e às vezes insistiam com ele que passasse logo a atividade para serem dispensados. Quando não, sugeriam que logo passasse o texto para copiar em relação à atividade de pesquisa ao ser entregues em outro momento de aula não eram discutidas, dialogadas, nota-se claramente serem pesquisas em sites na internet vazias de reflexão por parte dos alunos.

Observou-se também que a limitação em usar recursos didáticos para melhorar a experiência de aprendizagem se dava pelo fato de a escola não fornecer aos professores materiais necessários para tanto, como ressalta de Silva & Martins (2014, p. 38) "Os professores de Sociologia enfrentam desafios significativos no ensino médio, desde a falta de recursos até a necessidade de inovar nas práticas didáticas". Essa ausência de recursos reflete uma realidade comum em muitas escolas públicas brasileiras, onde a precariedade estrutural dificulta a implementação de metodologias pedagógicas mais dinâmicas e interativa, materiais como projetores, computadores, caixas de som e até mesmo livros atualizados são essenciais para enriquecer o ensino, mas sua inexistência ou indisponibilidade limita a capacidade do professor de explorar conteúdos de forma mais significativa e contextualizada.

Além disso, a falta de apoio para a aquisição desses recursos gera uma dependência de metodologias tradicionais e muitas vezes ineficazes como a simples cópia de textos ou a leitura expositiva. É importante ressaltar que mesmo diante dessa limitação, cabe ao professor buscar alternativas criativas para driblar os obstáculos, como a utilização de recursos próprios ou a adaptação de materiais acessíveis. Contudo, essa responsabilidade adicional quando não é devidamente apoiada pela instituição sobrecarrega ainda mais o docente e contribui para o desgaste profissional.

A ausência de investimentos em recursos didáticos não apenas prejudica a qualidade do ensino, mas também reforça a desmotivação entre alunos e professores.

A utilização de recursos diversificados é essencial para conectar os conteúdos acadêmicos à realidade dos alunos, promover maior engajamento e interesse no processo de aprendizagem.

A relação do professor com os alunos apesar de amistosa revela que os mesmos percebem sua desmotivação e agem em consonância com tal realidade, logo isto resulta na falta de respeito com a figura do professor, perceptível nas piadas supérfluas, interrupções desrespeitosas, desobediência por parte de alguns alunos. Percebeu-se também, nesta relação, que os alunos algumas vezes tentavam convencer o professor a não dar aula, e conservavam sem dificuldades o modo que o professor aplicava a aula.

Foi possível resumir também a metodologia do professor da seguinte forma conversa inicial descontraída, aleatória, escrever no quadro para os alunos copiarem, fazer uma breve exposição do conteúdo, passar uma atividade de pesquisa, corrigir trabalhos e fazer a chamada da frequência. O reflexo desta prática docente somada aos complicadores citados anteriormente se apresentava nas notas da prova dos alunos, em todas as turmas acompanhadas a nota da maioria dos alunos eram seis alguns sete e raríssimas exceções oito e nove, as notas baixas eram muitas vezes, arredondadas para livrar os alunos da reprovação.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado reafirma sua importância como um momento indispensável na formação docente, oferece ao licenciando a oportunidade de vivenciar os desafios reais da prática pedagógica e refletir criticamente sobre suas próprias abordagens. As experiências vivenciadas na escola pesquisada evidenciaram tanto as dificuldades estruturais, metodológicas e comportamentais do ensino de Sociologia quanto às possibilidades de superação que emergem a partir de práticas pedagógicas inovadoras e reflexivas.

Essa vivência proporcionou uma compreensão ampla sobre a realidade educacional brasileira, revelou as limitações e potencialidades que permeiam a formação docente e a prática em sala de aula.

Os desafios observados, como a falta de recursos materiais, a sobrecarga de trabalho dos professores, a desvalorização da disciplina e o desinteresse dos alunos, reforçam a necessidade de um olhar mais atento para a realidade escolar e o papel

do professor. Essas condições dificultam a implementação de estratégias pedagógicas inovadoras e comprometem o engajamento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

Assim como destacam, Karine Silveira e Natália Ferreira (2021) o fortalecimento do ensino de Sociologia depende de práticas pedagógicas que estimulem o pensamento crítico e de políticas públicas que garantam sua valorização no currículo escolar. É preciso, portanto, investir na formação inicial e continuada dos professores, proporcionando-lhes recursos e suporte para enfrentar os desafios da sala de aula.

A partir das reflexões de Carlos Brandão (1981) e Freire (1996), *apud* por Brait *et al* (2010), é possível afirmar que a educação tem o potencial de ser uma prática transformadora e emancipatória, capaz de formar cidadãos críticos e conscientes mas, para que esse potencial seja concretizado, é essencial preparar os futuros professores para enfrentar os desafios da educação básica desenvolvendo práticas pedagógicas que conectem o conhecimento acadêmico às vivências dos alunos e ao contexto social em que estão inseridos. Essa conexão é fundamental para garantir que a sociologia desempenhe seu papel de fomentar a reflexão crítica e a compreensão das dinâmicas sociais, políticas e culturais.

Este artigo contribui para o debate sobre a formação docente ao evidenciar como o estágio supervisionado é essencial para alinhar teoria e prática a disciplina permitiu ao licenciando compreender de forma prática os desafios da docência, incluindo a necessidade de planejar aulas mais interativas a lidar com a gestão do tempo e superar as limitações estruturais da escola. Além disso, o estágio foi um espaço valioso para observar os erros e acertos de práticas pedagógicas permitiu a construção de uma visão mais crítica e reflexiva sobre o papel do professor.

Essas experiências reforçam a necessidade de preparar professores para lidar com a complexidade do contexto escolar, promover práticas pedagógicas mais engajadoras e conectadas às realidades dos alunos. Carlos Brandão (1981) ressalta que a educação é um processo coletivo e crítico, que exige um compromisso com a transformação social. Para isso, é imprescindível superar a fragmentação do conhecimento e adotar uma abordagem interdisciplinar, como propõe Edgar Morin (2000), na integração de saberes e a construção de um ensino significativo e transformador.

Nesse sentido, o estágio supervisionado não é apenas uma etapa curricular mas, uma oportunidade ímpar de formação integral do licenciando, ele permite vivenciar, refletir e construir práticas pedagógicas mais eficazes e alinhadas com as demandas da educação básica. Consolidar a disciplina de Sociologia como um componente essencial no currículo escolar requer tanto o fortalecimento da formação docente quanto o reconhecimento de seu papel na formação cidadã e crítica dos estudantes brasileiros, assim, o estágio supervisionado cumpre um papel fundamental ao preparar professores para serem agentes de transformação, comprometidos com uma educação que promova a equidade, justiça social e a emancipação dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Viviane Patrícia Colloca. O conceito de currículo oculto e a formação docente. **RAE – Revista de Estudos Aplicados em Educação**, v. 3, n. 6, p. 45-60, jul./dez. 2018.

BODART, Cristiano das Neves. O uso de letras de músicas nas aulas de Sociologia. **Café com Sociologia**, São Cristóvão, v. 1, n. 1, p. 1-10, jan. 2020.

BRAIT, Lílian Ferreira Rodrigues; MACEDO, Keila Marcia Ferreira de; SILVA, Francisco Borges da; SILVA, Marcio Rodrigues; SOUZA, Ana Lucia Rezende. **A relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem**. Jataí: Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

FERREIRA, A. M. O ensino de sociologia e a formação para a cidadania. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 78-92, 2012.

JINKINGS, Nise. Ensino de sociologia: particularidades e desafios contemporâneos. **Meditações**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 113-130, jan./jun. 2007.

LIMA, C. P. **Sociologia para jovens do século XXI**. Belo Horizonte: Editora DEF, 2018.

MENDES, Thamiris Christine; BACCON, Ana Lucia Pereira; FERREIRA, Adriano Charles; ROSSO, Ademir José. Ser professor: das representações sociais à relação com o saber. **Atos de Pesquisa em Educação**, Curitiba, v. 10, p. 51-67, 2015.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MOURA, Adriana Maia; CUNHA, Roberto Francisco Brito. Psicologia da educação: essência da educação emancipatória. Id on Line **Revista de Psicologia**, v. 11, n. 34, p. 201-220, fev. 2017.

NÓVOA, Antônio; HUBERMAN, Michaél; GOODSON, Ivor F.; HOLLY, Mary Louise; DA CONCEIÇÃO, Maria M.; GONÇALVES, José Alberto M; FONTOURA, Maria Madalena; BEN-PERETZ, Miriam. Ciclo de vida profissional dos professores. In: **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, [s.d.]. p. 31-61.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever**. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 7-28, 1996.

PACHECO, Dirce e ZAN. O estágio na formação do professor de sociologia. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 31, n. 85, p. 447-458, set./dez. 2011.

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Coder. **A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

SILVA, M. C.; MARTINS, P. R. **Reflexões sobre o ensino de sociologia no Ensino Médio Brasileiro**. Sociologia em Perspectiva, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 33-49, 2014.

SILVEIRA, Karine Beatriz da Nascimento; FERREIRA, Natália Souza. O ensino de sociologia: a importância da disciplina no Ensino Médio. **Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais)** – Universidade do Estado do Pará, São Miguel do Guamá, 2021.

SILVA, Juarez Thiesen da. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, dez. 2008.